OS SONS DAS MEGALÓPOLES E A LOUCURA DO HOMEM CONTEMPORÂNEO: INDÍCIOS PARA A CURA PELO SILÊNCIO

Marcelo Cardoso[1]

RESUMO: O artigo realiza uma reflexão a respeito das transformações pelas quais a sociedade é submetida na contemporaneidade. Considera-se a visão filosófica de pensadores como Michel Serres, Vilém Flusser e Ciro Marcondes Filho ao se analisar as megalópoles: ambiente onde vive hoje o homem. Discutem-se as consequências para a cultura deste mesmo homem considerando-se um cenário permeado por ruídos e pela surdez (aqui também compreendidos por meio de metáforas). Observa-se que a cultura se transforma e envolve a todos, porém, num movimento contínuo e transpassado pela tecnologia, pelo excesso de informações e por processos logocêntricos. Produz-se, com isso, uma sociedade cada vez mais homogênea, superficial e em permanente estado de transe. Tenta-se demonstrar possibilidades de se escapar do cenário descrito por meio da reflexão e do silêncio que podem auxiliar a romper tal paradigma.

PALAVRAS-CHAVE: *Palavra-chave; Palavra-chave.*

ABSTRACT: The intention in this paper is to stimulate debate about the transformation for which the society is subject nowadays. Considers the philosophical thinkers like Michel Serres, Vilém Flusser and Ciro Marcondes Filho when analyzing the megacities: environment where man lives today. We discuss the consequences for the culture of this same man considering a scenario permeated by the noise and deafness (here also understood through metaphors). It is observed that the culture is transformed and all involves, however, a continuous motion and pierced by technology, information overload and logocentric processes. Produces up with this, a society becoming more homogeneous, superficial and in a permanent state of trance. Tried to demonstrate here possibilities to escape the scenario described by reflection and silence that may help to break that paradigm.

KEYWORDS: Communication; Culture; Philosophy; Listening; Silence.

[1] Docente do Curso de Comunicação Social na habilitação Jornalismo da FIAM-FAAM Centro Universitário e da Faculdade Belas Artes, ambas em São Paulo. Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (SP), trabalhou como jornalista em veículos de comunicação como *O Estado de S. Paulo* e Rádios *América*, *Bandeirantes*, *Capital* e *Eldorado* (atual *Rádio Estadão*). Contato: cardoso_marcelo@uol.com.br.

Introdução

O presente artigo tem a intenção de convidar o leitor a uma reflexão sobre a transformação incessante da cultura que permeia o homem contemporâneo. Trata-se de uma mudança cuja gênese está fortemente ligada a tecnologia, a cenários urbanos e a processos logocêntricos: aqueles que se apoiam no pensamento racional como única forma de se chegar à verdade.

A cultura do homem que vive nas megalópoles se altera em ritmo acelerado e o modifica fazendo-o perder um pedaço de si mesmo; o afasta da vivência de experiências que lhe permitiriam compreender que o ser humano só é completo quando há equilíbrio entre as várias formas de conhecimento.

Os habitantes das modernas cidades são moldados pela cultura que os envolve, os modifica e os escraviza. Compõem este cenário todo o tipo de ruído e seus efeitos: os sons das máquinas e dos homens que gritam, conversam sem parar por meio de seus aparatos tecnológicos; escutam, mas não ouvem; ouvem sem dizer; falam sem pensar, enfim, uma verdadeira "algazarra coletiva", como denominou o filósofo francês Michel Serres[2] (2001).

O leitor também perceberá que nas reflexões propostas abordamos e nos apropriamos do termo "silêncio". Cabe, entretanto, um esclarecimento: a etimologia da palavra "silêncio" nos remete ao Latim, *silentium*, que provém de *silere*, ou seja, calar-se, não dizer (palavra). Para a Filosofia, porém, silêncio não pode ser confundido com simples ausência de determinado som. O silêncio se faz pela necessidade ou pela impossibilidade da manifestação do homem:

> O silêncio pode constituir a expressão paradoxal daquilo que há de não-humano no homem: há o silêncio incomunicável, que caracteriza a alienação mental, e o silêncio da violência, caracterizando aqueles para os quais a linguagem e a comunicação não são mais possíveis. (...) Como experiência mística interior, o silêncio, ligado à oração, à meditação. Ao asceticismo e à solidão constitui a condição para o encontro com uma presença oculta, o caminho para o encontro com Deus ou com o outro. (Japiassú; Marcondes Filho,2008)

[2]O filósofo Michel Serres nasceu na França em 1930 e cursou a *École Normale Supérieure* de Paris. Interessa-se pela ciência, pintura, história e literatura. Nos anos 1960 foi colega de docência de Michel Foucault na Universidade de Clemont-Ferrand e Vincennes.

Portanto, o termo "silêncio" ganha, neste contexto, múltiplas interpretações que, orase oporão ao ruído, ora significarão um possível caminho para a se escapar do cenário descrito.

Pedras e ossos: a gênese da cultura humana

Quando analisamos a origemdos processos culturais, entendemos que o humano, um animal racional, se transformou a partir do momento em que usou a primeira ferramenta e, com isso, mudou a própria cultura. O filósofo VilémFlusser,[3]que fez instigantes ensaios e reflexões a respeito, observava a comunicação e a cultura como "esferas indissociáveis" (Baitello Junior, 2005: 8) que unem o ser humano e sua própria história: tanto aquela deixada para trás, quanto a atual e a futura. Defendeu, o filósofo, que o homem projeta e constrói objetos porque precisa deles para existir, entretanto, à medida que o fazem avançar, eles também obstruem o seu caminho.

A relação homem-instrumento, no sentido de qualquer objeto que sirva como ferramenta para auxiliar ou facilitar a sobrevivência humana, atingiu um ponto no qual não se sabe mais onde começam ou terminam ambos. Desde a sua origem, quando descobriu que pedras e ossos poderiam lhe servir para algo, o homem nunca mais foi o mesmo:vem sofrendo alterações influenciadas pelas descobertas que, por sua vez, provocam mudanças na cultura:

> (...) No momento em que a ferramenta – como um machado, por exemplo – entra em jogo, é possível falar de uma nova forma de existência humana. Um homem rodeado de ferramentas, isto é, de machados, pontas de flecha, agulhas, facas, resumindo, de cultura, já não se encontra no mundo como em sua própria casa, como ocorria por exemplo com o homem pré-histórico que utilizava as mãos. Ele está alienado do mundo, protegido e aprisionado pela cultura (Flusser, 2007: 37).

A cultura contemporânea está permeada por aparelhos, por tecnologia, pelo consumo e pela informação. Agora o homem não mais utiliza ferramentas apenas como

[3]A partir de Vilém Flusser começou-se a falar em Filosofia da Comunicação ou da Mídia, conforme explicou Norval Baittello Junior durante o Simpósio Internacional Rever Flusser realizado em São Paulo em 2008. Flusser nasceu em Praga, atual República Tcheca, e veio para o Brasil em 1940. Lecionou em instituições de ensino como a Universidade de São Paulo e escreveu artigos para jornais como O Estado de S. Paulo. O filósofo deixou o país em 1972 e retornou para a Europa onde morreu em 1991.

forma de ajudá-lo a viver porqueelas seriam prolongamentos de seu próprio corpo, como tambémobservou McLuhan (1999).

Desde a Revolução Industrial e do pensamento Iluminista, da premissa que enxerga o conhecimento racional como única forma responsável pela visão real e correta do mundo, os objetos e ferramentas se transformaram em máquinas. São instrumentos cada vez mais produzidos em série, a preços altos, e com intenção de facilitar a vida do homem. Ao mesmo tempo, as máquinas propiciaram a formação de um novo modelo a partir do início do século XX.

O paradigma analisado pelos marxistas ficou para trás porque se dividia em dois campos: aqueles que possuíam tais conjuntos de aparelhos e aqueles que trabalhavam com essas máquinas – e, portanto, viviam e se sustentavam diretamente da relação com elas.

Os instrumentos passaram a ser técnicos. O homem os estudou para torná-los melhores e mais eficientes para que se transformassem em máquinas mais evoluídas e cientificamente pensadas. Cartesianamente, os objetos, as ferramentas, enfim, os utensílios que o homem utilizava se transformaram em instrumentos complexos no funcionamento e no tamanho. Ganharam mais importância em sua vida. Mais ainda: passaram a absorver o homem porque, de uma forma ou de outra, tais instrumentos estão presentes em sua vida. O instrumento fez o homem funcionar em função dele e a partir dele (instrumento), independentemente do nível socioeconômico ao qual pertence.

O humano passou a viver em função das máquinas: ou porque queria sempre adquiri-las, ou porque trabalhava coordenadamente com elas. A máquina durava mais que o homem; valia mais que ele e, por esse motivo, o homem foi sendo substituído, submetendo-se a viver próximo delas:

> Quando os instrumentos viraram máquinas, sua relação com o homem se inverteu. Antes da revolução industrial, os instrumentos cercavam os homens; depois, as máquinas eram por eles cercadas. Antes, o homem era a constante da relação, e o instrumento era a variável; depois, a máquina passou a ser relativamente constante. Antes, os instrumentos funcionavam em função do homem; depois grande parte da humanidade passou a funcionar em função das máquinas (Flusser, 2002: 21).

As máquinas foram substituídas por aparelhos eletrônicos que têm dentro de si conjuntos de microchips capazes de pensar e até sentir. Agora, a sua influência – ou poderíamos classificar de controlesobre o homem – atingem níveis jamais vistos. Aparelhos e seres humanos se transformaram quase em uma só coisa. A tecnologia permite a conexão por meio de aparatos de telecomunicação e estimula a propagação dessa cultura. Os aparelhos tornaram-se cada vez mais inteligentes e aprendem a agradar o homem que os programa para isso, mas, ao mesmo tempo, o homem acaba programado por esses mesmos aparelhos (Flusser, 2007). Não se dá um passo sem, de alguma forma, entrar em contato com eles:

> A velha alavanca nos devolveu o golpe: movemos os braços como se fossem alavancas, e isso desde que passamos a dispor delas. Imitamos os nossos imitadores. Desde que criamos ovelhas nos comportamos como rebanhos e necessitamos de pastores. Atualmente, esse contra-ataque das máquinas está se tornando mais evidente: os jovens dançam como robôs, os políticos tomam decisões de acordo com cenários computadorizados, os cientistas pensam digitalmente e os artistas desenham com máquinas de plotagem (Flusser, 2007: 49).

Se existe uma visão de que o homem se emancipou por meio dos seus inventos, é falsa porque tudo o que utiliza hoje já tem um fim, pré-determina resultados o que, na verdade, o torna um "escravo das forças de uma outra "natureza" que ajudou a gerar artificialmente, com a diferença de que essa nova, ao contrário da antiga, existe a serviço de seu bem-estar (pelo menos em tese)". (Cardoso, 2007: 16)

Os sons auxiliam a moldar o homem

Os sons constroem o mundo para o homem. Por que não dizer, auxiliam a criar o próprio homem. Os fluxos de ruídos passam pelo 'ser' e deixam nele o conhecimento, a experiência, o sentido. Sob o ponto de vista ontogenético (fase do desenvolvimento do homem a partir da fecundação até a maturidade para a reprodução), Wulf[4] (2007) nos lembra da importância que os sons têm na cognição:

[4]Christoph Wulf é pesquisador do Centro de Antropologia Histórica de Berlim e professor da Faculdade de Educação da Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin). Publicou no Brasil, em parceria com Günter Gebauer, a obra *Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos. Produções estéticas* (2004).

> A partir da idade de quatro meses e meio, um feto é capaz de reagir a estímulos sonoros. Nesse momento, do ponto de vista anatômico, o desenvolvimento da orelha está completo e o nervo auditivo começa a funcionar. O feto ouve a voz de sua mãe, sua respiração, os barulhos da circulação do sangue e da digestão. Ele percebe de longe as vozes de seu pai e de seus irmãos e irmãs, assim como os barulhos agradáveis e perturbadores que são mensagens do exterior aos quais ele reage. O sentido do ouvido se desenvolve muito antes que o sentido da visão, e muito antes dos outros sentidos começarem a funcionar. (Wulf, 2007): online

Tal é a importância do ouvir na formação da cultura do homem que Wulf afirma que o sentido do ouvido é o sentido social. O feto, no ventre materno, tem uma cultura primeva. O ambiente onde vive o feto e o estágio inicial da formação biológica, não o permite, ainda, ter convenções para saber, por exemplo, o que é uma música ou o tipo de som que ouve. Há, porém, uma capacidade: a de sentir as ondas sonoras que acalmam ou irritam; provocam medo ou a sensação de segurança.

O ouvido percebe os timbres, as tonalidades, a velocidade e volume das vozes, o que permite ao homem se identificar ou mesmo ativar lembranças sobre épocas vividas, parentes que se foram ou sobre a terra natal que ficou para trás. Wulf complementa a ideia ao afirmar:

> Da maneira pela qual as palavras nos são endereçadas, ouvimos mais que sua significação; aprendemos alguma coisa sobre o locutor, que se exprime não em palavras, mas na própria enunciação. Pelo balanço do timbre da voz, de sua tonalidade, de sua intensidade e de sua articulação, o locutor se mostra ao ouvinte. Esta transmissão tem um aspecto expressivo e social. (Wulf, 2007)

A música também tem um papel na construção da cultura do homem em seu estágio inicial de vida. Segundo o crítico musical e escritor J. Jota de Moraes[5] (1991) há três maneiras mais comuns de se ouvir música: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente e ouvir intelectualmente. Vamos abordar apenas aquela que está diretamente relacionada ao contexto abordado.

Quando se ouve da primeira maneira referida pelo autor, todo o corpo participa do ato de escuta e não somente os ouvidos, como explica Moraes (1991:63) quando afirma que se envolve "(...) a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é

[5] J. Jota de Moraes (1943-2012), um dos mais conhecidos críticos de música da cidade de São Paulo, escreveu para o grupo O Estado de S. Paulo onde, também, teve programas nas emissoras de rádio. Foi professor de História da Música na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e diretor artístico da Sociedade de Cultura Artística.

sentir em estado bruto. É misturar o pulsar do som com as batidas do coração, é um quase não pensar.” Neste caso, se percebe o som, mas não o interpreta. Não se atribui um significado, apenas “sente-se” a música. Equivale ao movimento das mãos que batucam sobre a mesa ao marcarem as batidas de uma música ou, como o próprio autor exemplifica, o pé que bate sozinho no chão ao acompanhar a melodia.

Michel Serres (2001) amplia conceitos em torno desta relação entre o ouvir e o conhecimento. O filósofotambém defende que escuta-se por todo o corpo e não somente pelos ouvidos:

> Ouvimos pela pele e pelos pés. Ouvimos pela caixa craniana, pelo abdômen e pelo tórax. Ouvimos pelos músculos, nervos e tendões. (...) Ressoam em nós uma coluna de ar e de água e sólidos, espaço em três dimensões, concha, tecidos e pele, paredes ou placas largas e longas, e fios que percorrem sua dimensão única, ligamentos sensíveis às ondas graves, como se reuníssemos em nós mesmos orelha e orquestra, caixa ou címbalo, bronze vibrante de percursões, instrumentos de sopro e de cordas, trompas, emissão e recepção. (Serres, 2001: 138-139)

Serres (2001:104) alerta para o fato de que a orelha é proprioceptiva (capaz de receber estímulos originados no interior do próprio organismo). Por esta perspectiva, compreende-se que o som ajuda a moldar o homem: personalidade, gestos, ideias, fazeres, humores, sonhos. Cada ruído – seja suave ou não – influencia o seu dia-a-dia. Assim como também entende Wulf, o filósofo explica que no início da vida o ser humano ouve e se atenta aos sons, ruídos produzidos pelo corpo, mas lembra que depois escuta os sons da natureza, como aqueles produzidos pelo vento e por animais e, por último, o som provocado pelo próprio homem: o ruído da sociedade.

O homem contemporâneo se isolou em seu próprio mundo e quase não se permite ouvir os dois primeiros sons (ou não os atribui devido valor). Preocupado com o amanhã, raciocina sem parar e praticamente apenas ouve somente a linearidade dos próprios pensamentos. O som predominante hoje é o coletivo. Os homens são como máquinas treinadas para reagir a tais estímulos. Ouvem os sons que produzem. Sentem pertencer a um grupo, pois o ruído define o social. A fonte coletiva de ruído anula geralmente as demais:

> A sociedade produz um ruído colossal que está de acordo com ela, o rato das cidades se distingue do rato do campo por estar imunizado contra esse ruído. Nossas megalópoles ensurdecem: quem suportaria este inferno sem desfalecer se não contasse com a equivalência entre o grupo e o barulho? Fazer parte de um consiste em não ouvir o outro. Quanto mais a gente se integra, menos o escuta; quanto mais se incomoda com o barulho menos pertence ao grupo. (Serres, 2001: 105)

Silva[6] (2008) descreve o cenário onde vive este homem urbano: um ambiente agressivo, de saturação sonora favorecida pela tecnologia que o permitiu ficar intimamente próximo dos aparatos que reproduzem sons. De acordo com a autora são

> máquinas de falar que abordam o transeunte apressado através de seus alto-falantes, cujas mensagens sonoras se misturam aos ruídos provocados por emissores que compõem as grandes cidades: são os transportes coletivos, os veículos automotores, comércio formal e informal, os maquinários. Signos de uma contemporaneidade que em nome do desenvolvimento emitem ruídos (...). (Silva, 2008: 2)

Os sons indesejáveis produzidos pela sociedade nos dias atuais são contínuos e tão perturbadores que alteram, inclusive, hábitos de seres irracionais. Aves encontradas facilmente em ambientes urbanos, por exemplo,modificam o seu comportamento para continuarem sobrevivendo. O jornal Folha de S. Paulo e o portal UOL publicaram reportagens que abordaram uma polêmica em torno do sabiá-laranjeira e o início dos seus gorjeios 'fora de hora', pelo menos, para a opinião de muitos moradores da cidade de São Paulo. As aves começam a emitir o seu gorjeio no meio da madrugada[7].

Especialistas ouvidos pelos jornalistas dos dois veículos de comunicação informaram que o Sabiá 'canta' para seduzir a futura companheira ou para defender o seu território, afastando, assim, outros machos. Certas características da cidade são marcantes e influenciam diretamente o comportamento dos animais, por isso, entre os fatores que o fazem, estão os ruídos, principalmente produzidos pelos motores dos

[6] Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva é doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUC-São Paulo. Autora da obra *Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica (1999)*. É docente do curso de Comunicação Social no Centro Universitário Fecap e na Universidade de Santo Amaro (Unisa), ambas em São Paulo.

[7] A reportagem "Cantoria de sabiá-laranjeira na madrugada divide ouvidos paulistanos" pode ser acessada pelo link: http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/09/1342434-cantoria-de-sabia-laranjeira-na-madrugada-divide-ouvidos-paulistanos.shtml. A reportagem "Sabiás "urbanos" passam a cantar mais cedo para atrair fêmeas" pode ser acessada pelo link: http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/09/30/sabias-urbanos-passam-a-cantar-mais-cedo-para-atrair-femeas.htm.

veículos que chegam a atingir, em média, os 85 decibéis. Uma sirene também chega a níveis sonoros razoáveis e pode passar dos 115 decibéis[8] (Knobel, 2013).

O insistente sabiá-laranjeira, que teima em ser ouvido para perpetuar a sua espécie, projeta o seu gorjeio que, a cinco metros de distância, tem uma intensidade sonora de aproximadamente 75 decibéis. A competição entre as máquinas de produzir ruídos e o pequeno ser vivo alado é desigual: molda hábitos, transforma instintos, enfim, muda a própria natureza obrigando a ave a iniciar mais cedo os seus gracejos.

Sons das megalópoles, sons da racionalidade

Na contemporaneidade o ruído é permeado por processos logocêntricos porque está ligado aos sons das máquinas, das salas de aula, dos *media*, das megalópoles. São sons que guiam homens: seres que atribuem grande importância ao racional, se norteiam pelos ruídos, pelas palavras que definem, afirmam, concluem, ordenam. E cada vez menos se sabe ouvir e deixar ser tocado.

Eis um ciclo difícil de ser rompido: os sons auxiliam a moldar o homem, mas ele produz ruído o tempo inteiro; sons que não o permitem ficar em silêncio. São sons ruídos, sons falados. Na visão de Serres (2001), a língua é a prisão. A língua é hoje a expressão da própria razão. A razão é o centro. A palavra falada é o que mais importa. Informações são sons e, portanto, são dados porque informam sobre o próprio mundo que está aprisionado por práticas logocêntricas.

Em sua obra Serres (2001) utiliza como campo de demonstração o *Teatro de Epidauro*[9]. Sozinho, o filósofo encontra a paz, o silêncio. Ele contempla, se permite apenas sentir em vez de raciocinar. O cenário, porém, é invadido por um grupo de ruidosos turistas. Representam o comportamento do homem contemporâneo. Conversam, gritam, se movimentam e registram fotografias. Estão conectados à lógica

[8] A revista eletrônica Com Ciência, ligada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), traz interessante dossiê que abordou como tema central as relações entre o ruído, o som e o silêncio. Em diversos artigos e reportagens estas relações foram analisadas e discutidas por diferentes perspectivas por meio de jornalistas, fonoaudiólogos, físicos, psicanalistas, pesquisadores e professores da área da Saúde, entre outros.

[9] O *Teatro de Epidauro* foi construído no século IV a. C na Grécia, às margens do Mar Egeu. Localizava-se no santuário que levava o mesmo nome e era dedicado a Esculápio, deus da medicina. É uma das mais puras obras da arquitetura grega, dotada de excelente acústica. (Unesco, 2013)

que rege as suas vidas nas cidades: consomem imagens. Só acreditam em um tipo de experiência e isso os impede de ver ou sentir outras formas de viver. O grupo não se permite ser plural.

Experiência semelhante vivenciou o autor deste artigo durante visita às ruínas da histórica cidade de Pompeia, na Itália. Trata-se de uma antiga cidade do Império Romano, hoje considerada patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Naquela localidade todos morreram - vítimas da erupção do vulcão Vesúvio - no ano de 79 d. C.

Em um dia ensolarado deste século XXI, durante o alto verão europeu, no início da tarde a temperatura ultrapassava facilmente os 40 graus em meio às ruínas rochosas. Nestes momentos, quando o fluxo de turistas era menor, em determinadas ruas de Pompeia imperava um silêncio quase sagrado, uma quietude envolventeque convidava à reflexão.

A contemplação da paisagem só era quebrada quando grupos de turistas surgiam portando suas sombrinhas, as empunhando como armaduras protetoras dos raios solares. Caminhavam apressadamente juntos e escutavam o guia que lhes mostrava e gesticulava aqui e ali. Fotografavam incansavelmente qualquer coisa, contundo, não havia tempo para um olhar mais atento, mais contemplativo. O tempo parou nas ruínas do sítio arqueológico italiano, mas não para quem consumia vorazmente suas imagens. Aqueles turistas agiam como se as pedras sofressem rápida metamorfose; como se o vulcão novamente estivesse prestes a expelir sua lava e a cinza tóxica. Foi impossível não lembrar das palavras escritas na obra de Serres:

> O que viram eles, realmente? Ouviram: gritos, palavras, ecos. Certamente pouco viram, uma vez que as câmeras viram por eles; mas o que escutaram que já não soubessem por sua língua-memória? Vieram a Epidauro? Chegaram doentes, incomodados pelo murmúrio dos órgãos, rodeados de seu ruído coletivo, foram embora berrando no barco, sem terem feito escala. Se tivessem falado, gritado, dialogado assim, em Boston ou em Aix-la-Chapelle, teriam feito a mesma viagem (...). (Serres, 2001: 84)

Aqueles turistas provavelmente não ligavam para o fato de que não se deve substituir cegamente o conhecimento empírico pelo científico ainda que este último tenha credibilidade. Melhor seria compor os múltiplos saberes para que se faça viver. Um bebê aprende o que é a dor, a fome, a água, a comida e o afeto ao sentir sensações,

ao entrar em contato com o líquido, com o sólido. Na contemporaneidade, porém, o homem se afasta do "duro" que, vagarosamente, vai concedendo lugar ao "doce" (Serres, 2001):

> A história construiu em torno do homem ocidental contemporâneo, suficientemente rico, tantos filtros, cidades, cartazes, medicinas, técnicas e garantias, revestimentos e uso de seguros, que para ele e em torno dele o duro hoje em dia se faz raro, todo tomado pelo aplicativo, cobre, telas, muros e trabalhos (...). (Serres, 2001: 111)

É necessário se buscar o equilíbrio, a mistura entre doce e duro; entre lógica e o sensível; entre a vivência e a pesquisa, para se ter novamente um homem completo: um ser que não se deixe dominar pelo excesso de organização, análises, descrições e conclusões.

A importância do "não ouvir"

O homem contemporâneo está perdendo parte da sua capacidade de ouvir. Ouve apenas os sons que acompanham os meios de comunicação e os aparatos tecnológicos ou os ruídos - aos quais Ciro Marcondes Filho[10] (2005:51) classifica de "invasores e neurotizantes" -, como são os sons do cotidiano nas megalópoles. A importância do ouvir, no entanto, pode ocorrer exatamente no seu oposto: o de não fazê-lo:

> E a capacidade de ouvir é, paradoxalmente, também a capacidade de ouvir o silêncio, cultivar o vazio que o silêncio traz, o não-barulho, a redução maior possível de todas as vibrações, o diálogo com a interioridade. É no silêncio que é feito o que se faz de grande. Cultivar o silêncio é o mesmo que o saber escutar. (Marcondes Filho, 2005: 57)

Não ouvir pode significar a cura para o excesso de sons emitidos pelo homem e seu entorno. Marcondes Filho entende que não se tratam apenas de ruídos, sons que investem em todos os momentos contra nossos corpos. É mais que isso: há um desfile interminável de palavras e informações que confundem, induzem, ensurdecem, causam incompreensão e neutralizam as próprias palavras. Por isso, o pesquisador explica que para a

[10] Ciro Marcondes Filho é pesquisador do CNPq, titular da Cátedra Unesco de Divulgação Científica no Brasil, e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo onde coordena o Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (FiloCom).

> filosofia oriental, o silêncio é o bem maior, valor mais importante. Nas sociedades ocidentais, diferentemente, há um excesso de palavras, fala-se muito, são discursos intermináveis, todos têm uma ansiedade enorme em dizer, comentar, murmurar, remedar, expressar-se, todos querem através da palavra provar que estão vivos. (Marcondes Filho, 2005: 57)

Michel Serres também defende a necessidade de se encontrar com o silêncio. Ficar sem barulho faz refletir, recordar, sentir, acalmar. Por meio do ouvir pode tentar se perceber o silêncio, e, por meio deste gesto, conseguir o afastamento, o recolhimento. Quando se está só, pode-se cultivar o silêncio e dar uma chance aos "sentidos que a linguagem anestesia" (Serres, 2001: 87).

Emitir som significa estar vivo e participando da vida nas grandes cidades. Ficar em silêncio, todavia, equivale ao distanciamento, muitas vezes confundido com a arrogância ou a loucura. Mas como obter êxito diante de ruídos que entram pelas frestas das janelas, no trabalho, em casa ou durante o lazer? Como conseguir permanecer em silêncio? Como ficar longe da enorme quantidade de informações que inundam a sociedade? São informações que chegam por todos os tipos de aparatos e que instigam o homem contemporâneo a querer consumir mais destes sons.

Mesmo com o silêncio, de acordo com Serres (2001), não há certeza de cura. Não basta apenas se refugiar, meditar, observar, sentir a ação dos próprios sentidos, enfim, ficar em silêncio. O homem está inserido em uma cultura que já não atribui importância a isso e torna-se difícil deixar tal condição. A palavra e o pensamento racional que a acompanham expulsam o sensível. Ninguém está livre, nem mesmo aqueles que enxergam a filosofia como a oportunidade de se buscar respostas e libertação.

Alcançar o silêncio, porém, pode significar voltar-se para si e as coisas mais simples, revalorizar e permitir mais espaço ao emocional, ao sensível, ao afeto; olhar a História e o mítico para compreender o homem contemporâneo. A razão, hoje, é sagrada, guia o homem que privilegia a audição dos sons que o rodeiam e não o ferem por já estar acostumado. Mas nem sempre foi assim. Até Roma, um dos impérios mais poderosos da História, se curvava ao que não era *logos*. Serres cita os romanos para demonstrar que os poderosos também se rendiam ao sensível e ao mítico:

> (...) nunca as legiões romanas empreenderam qualquer batalha, nunca uma frota carregada de trigo foi equipada, nunca uma disposição legal foi emendada, nunca naquele tempo uma decisão de magnitude histórica foi tomada sem que os áugures esperassem primeiro a aprovação dita ou dada pelas aves, sua passagem pelo céu, sua maneira de bicar o grão (...).[11] (Serres, 2001: 97)

Como observa Serres, mesmo por trás das decisões mais importantes e delicadas se atribuía importância ao mundo das sensações. Os que triunfaram, como os romanos, também se apoiaram no não-racional. Agora, no entanto, o conhecimentoestá cada vez mais ligado a fórmulas, a teorias, a pesquisas quantitativas, enfim, a um sem número de paradigmas norteados por um mesmo fio condutor: a lógica, filha do cartesianismo, do desenvolvimento científico e tecnológico ocidental cuja existência está atrelada a uma sociedade industrial que tem no mercantilismo e na racionalidade moderna os seus alicerces.

Há uma compulsão pelo conhecimento que o filósofo francês critica. Serres não é contrário a aquisição do saber, entretanto, entende que a sua obrigatoriedade e constância tornam o homem um escravo:

> Cortado em pedacinhos, novo a cada conquista absorvida, logo monótono, logo obsoleto, de passagem, rápido, e mais como taxa de inflação que como crescimento verdadeiro, o saber fornecido pelas teses, pelos artigos, pelas revistas científicas tomou a mesma forma que a informação imposta pelos jornais, escritos, falados ou visíveis, pelo conjunto das mídias, ou um bloco de cheques, ou um maço de cigarros, repartidos em unidades, em seguida classificados no banco de dados, postos em códigos.(Serres, 2001: 101)

As informações invadem o nosso espaço, o nosso ser. O volume e a velocidade são tamanhos que em dado momento equivale afirmar que se entra em transe. Não se apreende o mundo, não se sente, apenas se observa superficialmente pelos olhos (Marcondes Filho, 2005: 32).

[11] Na Roma antiga os sacerdotes, conhecidos por áugures, ouviam o canto e observavam o voo das aves para interpretá-los e fazer previsões a respeito do futuro.

Silêncio e reflexão: indícios de como fugir da escravidão

A revalorização dos momentos de reflexão, de estudo, do repensar o pensamento se faz necessária. Fora deste contexto o homem contemporâneo torna-se uma espécie de animal condicionado: tal qual um cão feliz ao brincar, corre atrás do próprio rabo sem cessar. Quando alcança o saber, já não vale mais tanto quanto valia há um segundo atrás. Quando ouve as palavras não as deixa penetrar além de suas caixas receptoras de sons. Quando o ruído das megalópoles o atinge, primeiro incomoda, depois inebria para, finalmente, escravizar e até enlouquecer.

Como já foi observado, os sons auxiliam o ser humano a compreender o próprio mundo, entretanto, diante do cenário descrito,as consequências são a homogeneização da sociedade, enfim, dos seres humanos. Trata-se de um processo que os torna superficiais e os deixa em permanente estado de transe: fáceis presas dos ruídos das megalópoles. As respostas para se escapar são encontradas nos momentos de silêncio e de reflexão. O não ouvir também significa se resguardar do excesso de informações emitidas a cada segundo e de forma ininterrupta e, por isso, na sociedade contemporânea o silêncio pode proteger e auxiliar a romper o atual paradigma.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconofagia:*ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

CARDOSO, Marcelo. *O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras: experiências de emissoras paulistanas*. 2010. 150 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) Faculdade Cásper Líbero. São Paulo.

CARDOSO, Rafael. *O mundo codificado:*por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KNOBEL, Keila A. Baraldi. "Efeitos (silenciosos) da exposição a sons intensos". *Com Ciência*, São Paulo, n. 151, 10 set. 2013. Disponível em:

http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=91&id=1124. Acesso em 05 out. 2013.

KUNSCH, Dimas Antônio. "Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador". *Líbero*. São Paulo, n. 22, p.43-51, 2008.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta:* ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.

_____. "A fábrica". In: CARDOSO, Rafael. *O mundo codificado:* por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p.33-44.

_____. "A alavanca contra-ataca". In: CARDOSO, Rafael. *O mundo codificado:* por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 45-50.

_____. "O instrumento do fotógrafo ou o fotógrafo do instrumento?". 1982. Disponível em: http://www.fotoplus.com/fpb/fpb017/b017c.htm. Acesso em 05 out. 2013.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro.*Perca tempo:* É no lento que a vida acontece. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. (org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES, Noelle; PEDERSOLI, Bruno Landim. Sabiás "urbanos" passam a cantar mais cedo para atrair fêmeas. *Portal UOL*, São Paulo, 30 setembro 2013. Disponível em: http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/09/30/sabias-urbanos-passam-a-cantar-mais-cedo-para-atrair-femeas.htm. Acesso em: 05 out. 2013.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira; CARDOSO, Marcelo (Orgs.*) Comunicação e cultura do ouvir*. São Paulo: Plêiade, 2012.

MORAES, J. JOTA. *O que é música*. São Paulo: Brasiliense, 1991. 7.ed. p. 63-70.

OLIVEIRA, Roberto. Cantoria de sabiá-laranjeira na madrugada divide ouvidos paulistanos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 setembro 2013. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/09/1342434-cantoria-de-sabia-laranjeira-na-madrugada-divide-ouvidos-paulistanos.shtml. Acesso em: 03 out. 2013.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos:* Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. *A escuta no Espaço Urbano*. 2008. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0822-1.pdf. Acesso em 03 ago. 2013.

UNESCO, United NationsEducational, Scientificand Cultural Organization, 2013. Disponível em: http://whc.unesco.org/en/list/491. Acesso em 03 set. 2013.

WULF, Christoph. O ouvido. *GHREBH: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, São Paulo, n.9. 2007. Disponível em: http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh9/artigo.php?dir=artigos&id=WulfPort. Acesso em 25 ago. 2013.